130615 001

Transcrito por TurboScribe.ai. Atualize para Ilimitado para remover esta mensagem.

Olá, Felipe Laféria, minhas senhoras e meus senhores. É com enorme gosto que nos junto a vós para distinguir uma figura incontelável no teatro português. Uma vida dedicada à criação, à imaginação e à capacidade de transformar a arte num espaço verdadeiramente aberto a todos.

O percurso de Felipe Laféria é, antes de mais, o percurso de alguém que acredita profundamente na força transformadora da cultura. Nunca se resignou à ideia que o teatro é um território fechado ou distante e, pelo contrário, o afirmou sempre como uma experiência viva, acessível e capaz de provocar todas as gerações. Desde muito jovem encontrou no teatro um território de liberdade, uma casa onde podia experimentar e aprender.

Foi ator, aluno de grandes instituições de teatro e assistente a alguns dos criadores que marcaram a história do teatro português. Mas foi como encenador, dramaturgo e diretor que encontrou a sua verdadeira voz. Uma voz que combina memória, espetáculo e emoção.

Com mais de seis décadas de carreira, soube reinventar linguagens, renovar públicos, criar grandes espetáculos e, ao mesmo tempo, afirmar a exigência artística como fundamento do seu trabalho. Ao longo dos anos construiu um percurso absolutamente singular. Revelou autores, abriu portas a novas formas de expressão, cruzou géneros e trouxe para o palco narrativas que dialogam tanto com a tradição do teatro como com a cultura do nosso tempo.

A sua passagem pela Casa da Comédia marcou uma geração. A presença na rádio e na televisão levou o teatro a públicos que, de outro modo, nunca o teriam encontrado. E a sua capacidade de criação para o grande palco fez de Filipe Laféria um dos nomes mais reconhecidos e celebrados do teatro contemporâneo.

Contudo, há um marquê muito especial. O teatro politiano. Ao assumir a reconstrução e a revitalização desta sala, não recuperou apenas um espaço emblemático da cidade de Lisboa.

Deu-lhe uma nova vida, uma nova calma. Fez do politiano um espaço de permanência, de continuidade e de abertura. Um lugar onde o teatro musical encontrou uma expressão renovada e onde milhares de espectadores descobriram o prazer do espetáculo.

Com obras como Amália, My Fair Lady, Música no Coração, West Side Story ou Um Violino no Telhado, construiu um repertório que marcou o teatro português nas últimas décadas. Espetáculos que encheram salas, que levaram o nome de Portugal além de fronteiras e que, sobretudo, aproximaram públicos muito diversos da experiência cultural. Também o seu trabalho com o teatro para famílias, para crianças, para escolas, merece particular destaque.

Milhares de crianças tiveram no Politeama o seu primeiro contacto com o teatro. E é difícil imaginar um contributo mais precioso para o futuro cultural do país. Fruto de todo este

trabalho, a sua obra tem sido amplamente reconhecida e distinguida com algumas das mais altas concordações nacionais, refletindo a qualidade, a persistência e a ambição artística que definiu e define todo o seu percurso.

Durante anos, Filipe Laféria mostrou que a cultura pode ser simultaneamente popular e exigente, acessível e rigorosa, inovadora e consistente. Hoje reconhecemos uma vida de dedicação ao teatro. A capacidade de levar a cultura onde não chegaria sozinha.

O talento de comunicar com o público sem abdicar da qualidade. E a coragem de acreditar que o teatro é, ainda e sempre, um lugar de encontro. Nesse sentido, e em nome do governo português, é com profundo respeito e admiração que entregue o Medalho de Mérito Cultural a Filipe Laféria como forma de reconhecer e agradecer o trabalho excepcional que ofereceu e continua a oferecer ao país.

Muito obrigada. Obrigado. Muito obrigado, minha senhora.

É muito significativo e faz bem ao coração receber este prémio. De fato, eu dediquei toda a minha vida ao teatro, ao politiana. Todos os dias, como eu digo, temos que vencer um leão.

É muito difícil, sem ajudas, sem ajuda dos Estados, do TUDO, e uma pouquíssima ajuda da Câmara Municipal de Lisboa, continuar a lutar, a chamar o público, a fazer espetáculos de uma dimensão que não se faz em Portugal. Vamos ver esta noite um espetáculo que só um louco em Portugal faria nesta altura. É um espetáculo maravilhoso que, eu digo com orgulho, podia estar nos melhores palcos do S&M ou da Broadway.

Não vejo mais melhor. Com atores extraordinários, atores feitos aqui na casa. A protagonista, a Paula Sá, estreou-se aqui, que tinha 13 anos.

Muitos atores que vão ver acompanham-me já há décadas. E a eles, aos técnicos, à produção, à Dona Irene, à Maria, eu devo este momento. Obrigado.

E tem um significado muito especial, porque é a minha mente. Mente boa. E agora vamos ao teatro.

Já é a terceira, é a quarta sessão que fazemos hoje. Começámos com o Hércules, duas sessões. Já estreámos para grupos que vieram hoje do Alentejo, de várias localidades em Portugal, para verem a Carmen Grande.

Já viram e entusiasmam-se. E foi com o público todo de pé. E ainda há duas horas, o teatro político de Yema teve uma das tardes mais bonitas.

Eu espero, com todo o amor, que saibam apreciar a luta e, sobretudo, a qualidade destes grandes artistas, dos músicos, de todos os artistas que pisam este palco. Minha senhora, muito obrigado. Muito obrigado ao público.

E viva ao teatro!

Transcrito por TurboScribe.ai. Atualize para Ilimitado para remover esta mensagem.